AVEIRO, 28 DE JANEIRO DE 1961 ★ ANO VII ★ N.º 327

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ● ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ● REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO, 20 — TEL. 23886 — AVEIRO

Carta de Lisboa

A interdição do uso dos sinais sonoros pelos veículos motorizados; a interdição dos escapes livres; a interdição das chaminés a 4 rodas que nos envenenam os pulmões mal pomos o pé fora de casa; a limitação da velocidade, etc., etc. — são tudo coisas do Código e do bom senso mas que, apesar das louváveis e incansáveis campanhas do Automóvel Clube de Portugal e da Imprensa, continuam a verificar-se com certa impunidade.

E andam tantos agentes da autoridade, muito compenetrados da sua missão, a perder tempo de esferográfica e papelinho em punho à caça dos mal estacionados numa cidade com escassez de parques! E tantos simpáticos sinaleiros com uma estilística de gestos adulterados! E tantos agentes de braçal vermelho e cara de mau — sempre com ar de querer dar tau-tau ao automobilista — à caça da transgressão que as horas de ponta dum trânsito estrangulado facilitam e às vezes impõem!

Quem olha então e afinal pelo resto? E que Código será aplicável, por exemplo, a um «stand» que há aqui na minha rua e que passa o dia a montar os tais sinais sonoros à sua clientela, sinais modernos de 4 notas de que faz espalhafatoso alarde em repetidas e excelentes demonstrações, dedilhando as 4 notas para compor o infernal acorde?

A manhã estava clara e transparente. Na sequência dos dias maravilhosos que tinham estado, era, na verdade, uma típica manhã de Janeiro, com longes avivados, um Sol majestático e confortante. Nas docas ricas de Belém içavam-se velas e aqueciam-se motores, que estava mesmo de apetecer. Cheirava a maresia e a meio rio passavam pesqueiros vindos da faina nocturna com o peixe a brilhar lá dentro e o piar de gaivotas gulosas na sua esteira. Muitas pessoas, como eu e o meu amigo, passeavam à beira-rio regalando-se ao Sol dessa manhã domingueira, que estava clara e transparente.

A manhã estava assim, na plenitude de todos esses predicados, quando eu disse ao meu amigo que no dia seguinte choveria. O meu amigo riu incrédulo e lançou até um gracejo à minha herança fenícia.

Continua na página 9

O «Livro de Doutrina Espiritual» de Frei Francisco de Sousa Tavares

pelo Dr. ANTÓNIO CHRISTO

TENHO presente um exemplar do raríssimo *Livro de Doutrina Espiritual*, de Francisco de Sousa Tavares, a que me referi no último número deste semanário.

Barbosa Machado e Rangel de Quadros descreveram-no imperfeitamente — este com fidelidade superior à daquele, salvo quando supôs ter sido impresso à roda de 1590.

No seu aspecto formal, é um 8.º pequeno, com 4 folhas preliminares, 135 de texto numeradas pela frente (correspondentes a 270 páginas) e mais 1 sem número — estando o exemplar em meu poder encadernado em pergaminho, com as capas e a lombada graciosamente ornamentadas a ouro.

Abre o curioso livrinho pelo título, que convirá reproduzir com exactidão — actualizando, porém, a grafia, para comodidade de leitura:

Livro de doutrina espiritual, que compôs Francisco de Sousa Tavares, em que se contém os tratados seguintes. Um tratado que coisa é oração, e da necessidade e obrigação dela. A exposição do Pater noster. Uns avisos para os principiantes ou pecadores se exercitarem na consideração dos benefícios de Deus. Uns ensinos e documentos para o principiante espiritual andar com a mente em Deus. Do autor em defensão da vida espiritual e oração. Uma admoestação caritativa. Um opúsculo do estado desta vida e dos bens dela. Um opúsculo do estado da contemplação. Outro opúsculo acerca do estado da cruz. Uma admoestação do Anjo ao espírito que guarda para o persuadir a se unir a Deus com humildade.

No verso, dão-se as costumadas notícias da aprovação e do licenciamento: «Foi visto e examinado este livro por o mui Reverendo padre Mestre frei Manuel da Veiga, examinador de livros, por o Reverendíssimo e Sereníssimo Cardeal Infante, Inquisidor Geral nestes Reinos de Portugal, e com sua licença impresso».

Seguem-se uma declaração *Ao Leitor* e os dez piedosos *Tratados*, com as convenientes subdivisões, que se iniciam, todos eles, por letras capitais ornamentadas.

Na última página, esta nota esclarecedora sobre o lugar e a data da impressão: «Acabou-se de imprimir em Lisboa. Em casa de João da Barreira Impressor delrei nosso Senhor, Aos vinte de Novembro, de M. D. LXIIII. Anos».

Tal é, sob o ponto de vista bibliográfico, o livrinho do fidalgo que trocou a armadura de combatente pelo hábito de franciscano e morreu em Aveiro, não no sumptuoso Palácio dos Tavares, solar da sua família, mas no pobríssimo Convento de Santo António.

★

A primeira consideração que o *Livro de Doutrina Espiritual* me sugere, respeita ao seu autor.

Francisco de Sousa Tavares pertencia a uma das mais nobres e abastadas famílias que

Continua na página 9

...finalmente, já tem casa própria a operosa

BANDA AMIZADE

Cumprindo o programa que oportunamente nestas colunas demos a conhecer, a *Banda Amizade* celebrou, no sábado e domingo findos, o seu 126.º aniversário — que precisamente se completou em 22 de Novembro do ano findo, dia de Santa Cecília, como geralmente se sabe. As festivas comemorações foram transferidas daquela data para os aludidos dias da semana transacta, em virtude de se ter pretendido associar os festejos de mais um jubileu da operosa *Música Velha* com a inauguração da nova sede da veneranda e ultra-secular agremiação aveirense.

O sonho maior da *Banda Amizade* — a edificação de uma nova e condigna sede — teve, finalmente, a desejada materialização. A prestigiosa colectividade aveirense, com notável folha de serviços e pergaminhos brilhantes, orgulha-se, portanto, de possuir, no Largo do Conselheiro Queirós, ali em pleno Alboi, uma casa própria, ampla e de linhas modernas, que totalmente lhe permite a consecução dos seus intuitos e das suas actividades.

Está de parabéns a velhíssima *Música Velha*, que o mesmo será dizer, no caso presente, que Aveiro está de parabéns.

NO SÁBADO

Missa Solene e outras cerimónias

O programa festivo iniciou-se no pretérito sábado, 17.45 horas, com a celebração de Missa Solene, acompanhada pela Orquestra da *Banda Amizade* e seguida de «Libera me»,

Continua na página 7

Na sessão solene da Banda Amizade, o Chefe do Distrito entregando o diploma de sócio de honra ao sr. Dr. Luís Regala, Presidente da Assembleia Geral da Música Velha

O PLANO DE URBANIZAÇÃO DA CIDADE

OUVEM-SE a cada passo os mais diversos comentários e as mais desencontradas opiniões sobre a urbanização da cidade de Aveiro, a propósito de obras em curso ou simplesmente projectadas. Perguntam uns se tais obras obedecem a qualquer plano convenientemente estudado e devidamente aprovado e afirmam outros que, em matéria de urbanização, tudo em Aveiro se faz arbitràriamente, ao simples gosto de quem dirige e administra.

Bom seria que os censores se dessem ao incómodo de estudar os problemas antes de sobre eles se pronunciarem — o que, de resto, constitui um elementar dever de probidade.

Nos relatórios publicados pelos dois últimos e muito ilustres presidentes do Município, poderiam encontrar os críticos as notícias seguras que vamos resumir, sublinhando as que mais interessam ao fim que nos propomos.

★

A Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais indicou à Câmara Municipal de Aveiro o arquitecto-urbanista sr. David Moreira da Silva como pessoa muito competente (*Relatório* de 1944, pág. 16), pelo que aquela celebrou com este um contrato para a elaboração do plano de urbanização da cidade, pela quantia de 130 contos.

O contrato foi assinado em 9 de Fevereiro (*Ibid.*) ou em 9 de Março de 1945

Continua na página 2

FAÇANHA CRIMINOSA

Um grupo de aventureiros de diversas nacionalidades, comandado por um antigo oficial do Exército português, apoderou-se há dias, pela astúcia e pela força, de uma das mais importantes unidades da nossa marinha mercante, que navegava no alto mar, pacìficamente, com centenas de passageiros a bordo. Armados de metralhadoras, espingardas, pistolas e granadas, os assaltantes — de noite, de surpreza e covardamente — dominaram a tripulação do navio, matando, ferindo, amordaçando, fazendo as mais assustadoras ameaças e cometendo as mais insólitas violências.

Esta façanha criminosa, que os jornais americanos chamaram um "acontecimento fantástico" e os italianos disseram constituir "o maior escândalo do século", foi firmemente reprovada por

Continua na página 8

Urbanização da Cidade

Continuação da primeira página

(*Rel.* de 1945, pág. 44) e nele se obrigava o arquitecto-urbanista a apresentar o plano «*no prazo máximo de dezoito meses*» (*Ibid.*).

Ainda em 1945, o sr. Moreira da Silva entregou «dois esbocetos da urbanização da parte central da cidade» (*Ibid.*) e «um projecto de urbanização parcial do centro da cidade, principalmente com vista à futura ponte sobre o canal central» (*Rel.* de 1946, pág. 55).

Por essa altura, a Câmara celebrou outro contrato com o mesmo arquitecto, para elaboração de um projecto de urbanização da praia de S. Jacinto, pela importância de 16 contos. O contrato é de 1945, não sabemos de que data, e estabelecia *um prazo de dez meses* para a entrega do plano (*Ibid.*, pág. 61).

Em 4 de Setembro de 1946, recebeu a Câmara «os anteplanos de urbanização da cidade e da praia de S. Jacinto», que tanto ela como o Conselho Municipal aprovaram «na generalidade», apresentando algumas «sugestões» que desejariam ver introduzidas no futuro plano (*Rel.* de 1947, págs. 11 e 63 e segs.).

Pouco depois, em 14 de Novembro, «realizou-se uma reunião conjunta do Concelho Municipal, da Câmara e de um certo número de convidados, a fim de se ouvir a exposição do sr. arquitecto-urbanista David Moreira da Silva, sobre a orientação seguida na elaboração do anteplano de urbanização da cidade e de S. Jacinto».

Alguns fizeram os seus reparos e apresentaram as suas sugestões. «A todos respondeu o sr. David Moreira da Silva, justificando a sua orientação ao elaborar o anteplano de Aveiro» — sendo-lhe então recomendado que ponderasse o que lhe parecesse digno de ponderação (*Ibid.*, pág. 68).

Entretanto, deixou-se no *Relatório*, com referência ao disposto no decreto n.º 33 921, de 5 de Setembro de 1944, esta nota esclarecedora:

«Tem-se procurado cumprir a lei; se o plano de urbanização não foi elaborado dentro do prazo que o citado decreto determina, *essa demora não foi da responsabilidade da Câmara, mas sim do sr. arquitecto Moreira da Silva*» (*Ibid.*, pág. 69).

*

Introduzidas no anteplano algumas «alterações» propostas pela Câmara e pelo Conselho Municipal, transcritas no *Relatório* de 1947, «os ilustres arquitectos D. Maria José Moreira da Silva e David Moreira da Silva» entregaram-no — sendo aprovado pelos órgãos camarários e submetido à apreciação da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização.

Salientando a dificuldade de traçar o plano de urbanização de uma cidade que, embora relativamente pequena, cresceu e se desenvolveu sem regra e sem lei e onde havia muitas correcções a fazer, o *Relatório* pergunta até que ponto conseguiram os «distintos arquitectos» os objectivos que se propunham — e responde: «as repartições competentes o dirão» (págs. 24 e 71 e segs.)

Adiante se reproduzirá o que as repartições competentes disseram.

*

O arquitecto sr. Moreira da Silva passou a ser ouvido com frequência em tudo o que respeita à urbanização da cidade — como, a título de exemplo, pode concluir-se das seguintes passagens:

— «A fim de evitar desigualdade na altura dos prédios, desencontro das empenas, desarmonia nas fachadas, os principais projectos de edifícios da cidade têm sido submetidos à apreciação do sr. arquitecto-urbanista David Moreira da Silva» (*Rel.* de 1949, pág. 151), o que suscitou «reparos e críticas», como se diz no *Relatório* de 1953 (pág. 15).

— O mesmo sr. arquitecto «está encarregado de proceder ao estudo da urbanização do Largo do Senhor das Barrocas» (*Rel.* de 1949, pág. 25).

— «O sr. arquitecto-urbanista, David Moreira da Silva, apresentou o projecto de vedação do terreno dos reservatórios» (*Ibid.*, pág. 25).

— «A fim de evitarmos a desordem urbanística que pode resultar do aumento de construção e do futuro progresso do lugar de Cacia, a Câmara encarregou o arquitecto-urbanista, sr. David Moreira da Silva, do Porto, de elaborar o arranjo daquela localidade com vista a orientar e prever a expansão da referida freguesia» (*Rel.* de 1950, pág. 21).

— «Os projectos submetidos à Comissão Municipal de Estética, alguns dos quais, sobretudo os de prédios a construir nas principais artérias da cidade, foram enviados ao sr. arquitecto-urbanista David Moreira da Silva, a fim deste senhor dar o respectivo parecer, constam do quadro que segue» (*Rel.* de 1952, pág. 57).

*

As repartições competentes disseram, finalmente, o que pensavam sobre o trabalho do sr. arquitecto Moreira da Silva, como se lê no *Relatório* de 1952:

«No ano findo, recebeu a Câmara os pareceres da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização e do Conselho Superior das Obras Públicas sobre o anteplano de urbanização da cidade de Aveiro. Segundo o Conselho Superior de Obras Públicas, o anteplano apresentado pelos arquitectos D. Maria José Moreira da Silva e David Moreira da Silva «*pode servir de base a estudos ulteriores, mas carece, quer no seu conjunto, quer em alguns pormenores, de sofrer uma importante remodelação*» (*Parecer* do C. S. O. P., pág. 17; *Rel.* pág. 10).

Em face deste parecer, o ilustre Presidente da Câmara — a quem Aveiro, diga-se de passagem, ficou a dever uma obra muito notável — escreveu o seguinte:

«Quaisquer que sejam as opiniões dos técnicos, pelos quais tenho muito respeito, quero afirmar que a existência do anteplano de urbanização da cidade, *embora deficiente tècnicamente no dizer das entidades competentes*, tem sido um auxiliar indispensável no que se tem feito em matéria de melhoramentos nesta cidade» (pág. 10).

«*Com todos os seus defeitos, e muitos terá certamente*, o anteplano aprovado em princípio pelos órgãos municipais permitiu o desenvolvimento ordenado da cidade, disciplinou as construções, rectificou alinhamentos, arrumou muita coisa que estava mal, a ponto de Aveiro parecer outra. A verdade é esta. Daqui se conclui que *antes um plano de urbanização deficiente do que a ausência dele*. Esta ideia tem poucos adeptos, mas há-de acabar por impor-se. O que leva é tempo» (pág. 11).

*

Em Setembro e Outubro de 1952, a Câmara e o Conselho Municipal aprovoram as *alterações*, propostas pelo arquitecto sr. Moreira da Silva e pela Direcção dos Serviços de Melhoramentos Urbanos, sobre determinada zona residencial do anteplano de urbanização da cidade, principalmente nas imediações do novo Liceu (*Rel.* de 1953, págs. 69 e segs.).

E daí que no *Relatório* de 1954 se disse que o bairro do Liceu «é a alegria dos olhos e está delineado segundo os modernos princípios urbanísticos», logo se acrescentando: «E' bom que se saiba que o traçado desta zona nova da cidade é obra do arquitecto-urbanista David Moreira da Silva, autor do anteplano de urbanização de Aveiro. *Lamentamos apenas que este anteplano não esteja definitivamente aprovado, a fim de evitar a posição incerta do Município perante a lei. Há sete anos que esta situação se mantém com desprestígio para este corpo administrativo, e não sabemos quando ela terminará*» (pág. 28).

*

O mesmo *Relatório* regista o seguinte:

«Por deliberação camarária de 25 de Janeiro, foram contratados os arquitectos-urbanistas D. Maria José Martins Marques da Silva e David Moreira da Silva para elaborarem os anteplanos de urbanização de Cacia-Sarrazola e de S. Jacinto, pelas quantias, respectivamente, de 48 000$00 e 21 000$00. O contrato referente a Cacia-Sarrazola foi assinado em 30 de Janeiro de 1954; o relativo a S. Jacinto em 27 de Março do mesmo ano».

«A Câmara também deliberou em sua reunião de 22 de Março, encarregar o sr. arquitecto-urbanista David Moreira da Silva de elaborar o projecto do arranjo do Adro de S. Domingos, em virtude do alargamento da rua do Batalhão de Caçadores 10» (pág. 71).

*

O *Relatório* de 1955 informa que os arquitectos-urbanistas David Moreira da Silva e Esposa submeteram à apreciação e aprovação da Câmara o anteplano de urbanização de S. Jacinto — que foi aprovado pelos órgãos municipais e remetido à Direcção Geral de Urbanização; apresentaram «*três alterações ao anteplano da cidade, actualmente em remodelação*», respeitantes a diversas zonas; e entregaram o «*borrão*» do anteplano de Cacia-Sarrazola (pág. 10) — dizendo mais abaixo: «*Há oito anos que aguardamos a conclusão e aprovação do anteplano da cidade, o que tem ocasionado contrariedades de vária ordem*» (pág. 19).

Ali se esclarece ainda que o anteplano de urbanização de S. Jacinto foi entregue *em 12 de Março de 1954* (pág. 80) — sendo certo que o primitivo anteplano fora entregue oito anos antes, *em 4 de Setembro de 1946* (*Rel.* de 1947, págs. 21 e 63).

*

Lê-se no *Relatório* de 1956: «Apesar do progresso bem visível, *a verdade é que Aveiro ainda não tem o seu plano de urbanização aprovado*» (pág. 10).

E mais adiante: «Com o objectivo de acautelar a futura expansão de Cacia, foi apreciado pelos órgãos municipais o esboceto do anteplano de urbanização de Cacia-Sarrazola, apresentado pelos arquitectos Moreira da Silva /.../ Em 4 de Dezembro findo foi recebida a comunicação de que havia sido aprovado pelo Conselho Superior de Obras Públicas e homologado por despacho de Sua Excelência o Ministro, com data de 15 de Novembro, o anteplano de urbanização de S. Jacinto. O parecer do douto Conselho preconiza que «na execução do anteplano, se tenham em conta as observações formuladas, em especial a que se refere à cortina arbórea; que seja estudado o plano regional de Aveiro; e que sejam considerados os problemas de águas e esgotos» da praia de S. Jacinto».

O *Relatório* acrescenta: «Está, enfim, aprovado o primeiro anteplano dos que a Câmara já apresentou. O anteplano de Cacia-Sarrazola aguarda o parecer do Conselho Superior de Obras Públicas; *o de Aveiro está a ser remodelado pelo arquitecto-urbanista Moreira da Silva*» (págs. 32, 33 e 75 e segs.).

*

O actual e muito ilustre Presidente da Câmara escreveu no seu primeiro *Relatório*, de 1957, sob o título *Revisão do anteplano de urbanização*, estas palavras:

«Logo depois da sua posse, o novo Presidente da Câmara quis conhecer o estado em que se encontravam os trabalhos do anteplano urbanístico, *pela reconhecida necessidade de não deixar protelar a sua conclusão, notòriamente muito demorada*.

Constatou haver *uma certa imobilidade no assunto, já lamentada pelo seu antecessor*, e tratou de convocar para uma conferência os senhores Arquitectos-urbanistas a fim de combinar com eles o andamento dos trabalhos respectivos e a adoptação de soluções para alguns dos pro-

Continua na página 5

O sr. Ministro das Obras Públicas, Eng.º Eduardo Arantes e Oliveira, apreciando o Plano de Urbanização de Aveiro, quando em 1 de Fevereiro de 1958, visitou a nossa cidade

Editorial

HOJE é dia de festa no nosso pequeno agregado familiar. Com o presente número — o 35.º de *Væ Victis!* — esta página dos jovens aveirenses, que terá sido e continuará a ser, estamos convencidos, de todos os jovens do Mundo, completa dois curtos mas bem difíceis anos de existência. Pequena secção de características únicas na Imprensa Regional, e com uma linha de rumo pouco vulgar na Imprensa do País inteiro, orgulhamo-nos deste *Væ Victis!* que não será aquilo que sonhámos, mas que é, sinceramente o afirmamos, obra que mereceu ser realizada, e motivo de satisfação, nem que seja só pela mera razão de continuar a viver.

Menina ainda, e sem jamais ter gozado de saúde, talvez com os nervos à flor da pele, esta página vai resistindo com uma honestidade e estoicismo que terão admirado muitos e alegrado outros. Viveu sempre insatisfeita e à espera daqueles que nunca chegaram. Com mais ou menos valor, e sempre de cara lavada e erguida, encetou e não desistiu da sua caminhada penosa que hoje se não interrompe.

Ao longo da sua marcha, foi erguendo, sugerindo e até concretizando ideias que foram factos — conforme noutro local relembramos.

Neste número goza de especiais regalias, talvez demasiado fartas para a sua natural tibieza. Mas a barriga cheia não nos há-de trocar as ideias nem nos fará renunciar à honestidade.

Se prosseguirmos, fá-lo-emos de cara levantada. De qualquer maneira, valeu a pena aquilo que fizemos. O futuro o comprovará.

Porque, ao fim e ao cabo, o nosso lema será sempre o mesmo: *Væ Victis! — ai dos vencidos!*

Væ victis!

PÁGINA DOS JOVENS AVEIRENSES

Direcção de

JAIME BORGES e PEREIRA DA SILVA

A CONQUISTA

por PEREIRA DA SILVA

(...) Ora digam-me cá: algum de vocês conhece o Tobias da Lamarosa? Não? E a Rosalina do Caselho? Também não. Mas conheço-os eu. Tão bem como me conheço a mim mesmo. Não sejas burro, fedelho. Eu conheço-lhes a alma, está-se mesmo a ver. Que a vista perdi-a há muito. Ora o meu amigo Tobias é homem de estudos e de grande entendimento. Nasceu na Lamarosa, filho de gente pobre mas honrada. Por sinal até lá comi muitas vezes, e contei-lhe as minhas andanças pelas terras onde Cristo nunca chegou. Era o Tobiazito rapazote sossegado, e só não foi para o sacerdócio porque não lhe puxava a ideia para tal. Mas arribando por outros caminhos, poupado e com juízo, arranjou pé de meia que o livrou da tropa. Foi nessa altura que veio à terra e, digo-vos eu, que nunca menti na minha vida, os velhotes choraram lágrimas de ressurreição com o contentamento de o voltar a ver, forte e escorreito. Havia lá festa, e eu por acaso encontrava-me naquelas paragens. Portanto, vi o princípio de tudo, quer dizer, fui pressentindo e cheirando o que entrementes se passou. Lamarosa é um sítio pequeno mas de gente tesa. Ali em volta estão o Caselho e Silvaredo. E as três aldeias, que formam freguesia, não se entendem nem à lei do cacete...

Ora pelos vistos andava o Tobias a passear no arraial, perante a admiração e a cobiça de todos, que ele era rapaz aprumado e trajava a rigor, quando viu a Rosalina, rapariga prendada e também estudiosa, filha duns ricaços do Caselho. O rapaz lá se embeiçou, sem saber quem era ela. Não foi por causa dos bens, que era homem incapaz de pensar nisso. Com pulso rijo e alma sã é que se ganha a vida, e era assim que ele fazia. De maneira que preparou o campo com uns olhares de intenção, e depois, aproveitando o encantamento das estrelas e com a ajuda da luz da candeia a petróleo, lá redigiu uma carta que fazia chorar a própria lua. Inspirado estava ele e o verbo sabi-o bem. Garanto-vos que ia obra de ver-se, porque Tobias leu-ma antes de a mandar.

«O senhor Silva, vossemecê que é homem do mundo, e sabe destas coisas, diga-me cá: acha que esta missiva vai dar resultado?» — Eu ouvi, e não pude deixar de responder-lhe: «Uma carta assim convenceria a própria Vénus, quanto mais a moça do Caselho!». Bebemos à saúde do êxito do rapaz, e não sai sem aconselhá-lo: «Amigo Tobias, a gente tem de se governar enquanto é novo. Eu, com'assim, tenho de cumprir o meu fadário. Não vejo a luz do sol, cá ando correndo mundo e entrego a minha alimentação à alma da caridade. Mas vou estudando a vida dos homens e sei como ela é difícil. De modo que acho muito bem que se agarre à Rosalina-

Continua na página 4

TÚMULO DE NEVE

Conto e desenho de JOÃO CARLOS SOARES

ATRAVÉS dos abruptos carreiros da montanha, salpicados de urzes e tojos, caminham um velho, corcovado pelo passar impiedoso dos anos, e uma criança, garota duns seis anos, que se ampara no seu braço trémulo.

São dois entes iguais a tantos outros que vegetam pelas estradas deste mundo de dor, estendendo a mão à caridade, confiados na generosidade de algum coração bondoso.

O seu fito é a grande cidade que se divisa no fundo do vale, inundada por um triste sol de Inverno. Caminham penosamente. Os seus rostos, cobertos de pó e viscoso suor, denotam amargura. Mas não desistem. A cidade exerce sobre eles uma estranha fascinação. A sua vista dá-lhes novos alentos. A caminhada continua...

•

O enorme aglomerado regorgitava de gente. Era o dia da grande feira, famosa cem léguas em redor. A praça principal, onde ela estava instalada, era um amálgama de pessoas e coisas.

Foi neste local que desembocaram o velho e a criança, impelidos pela onda humana.

Havia carroceis, carros eléctricos, barracas de *comes e bebes* e tantas outras coisas que são o gáudio da petizada e da gente graúda. O vozeirão dos vendedores atroava os ares. O som confuso de todo aquele movimento ensurdecia.

A criança quedou-se, de olhos muito abertos, a contemplar tudo aquilo. Nas suas pupilas viam-se centelhas de felicidade. Tantas coisas lindas que ali havia! Para ela a feira era um mundo de felicidade.

O velho adivinha-lhe os pensamentos. Olha-a com ternura e, meigamente, cinge-a nos braços. Dos seus olhos cansados rolam duas lágrimas que tombam sobre os dedos arroxeados da criança.

— Tu choras, avôzinho? — indaga ela, sorrindo.

Como resposta, o velho,

Continua na página 4

alguns factos da vida de VÆ VICTIS!

★ *Foi no dia 31 de Janeiro de 1959 — Litoral, n.º 223 — que saiu o nosso primeiro número. Relembramos títulos e nomes dessa primeira experiência: «Vae Victis!» (apresentação); «Os Nossos Problemas» — artigo de Maria Celeste Fernandes; «O Calão» — crónica de Maria da Soledade; «Retrospectiva» — artigo de Jaime Borges; e «A Grave Doença do Nosso Tempo» — por Pereira da Silva.*

★ *No segundo número da nossa página, dois factos a assinalar: sugestão para um futuro Teatro Juvenil e início da campanha para actualização da Biblioteca Municipal (problema que, ainda hoje, continua como nessa altura...).*

Continua na página 4

Poema Branco

A JUSSARA

Olho para cima
E não te vejo.
Olho para baixo
E não te encontro.
Parece que te afastas
Tanto quanto
Te procuro.

Há milénios
Que me agarro
Ao teu rasto
Como ser perdido
No emaranhado
Da floresta virgem.

E quanto mais te procuro
Menos te vejo
E mais te sinto.

Mas a consciência
Que tenho da tua existência
E a necessidade que tenho
De te encontrar
Fazem-me seguir
Por caminhos sem fim
Vestindo as mais diversas personalidades
E actuar nos mais diversos palcos.
No fundo do meu ser
Reconheço
Que assim tem de ser
E só assim.

Por isso luto sempre
Com o mesmo sorriso,
Franco e aberto,
Contra as mais díspares afrontas
Que o destino põe ante mim,
Palmilhando jornadas...
... E mais jornadas.
Os indícios da tua presença
São tão claros
Que me confundo no seu meio
E nas suas formas.
Do dia à noite,
Do nascer ao morrer,
Na sinfonia cósmica do Universo,
Nas mutações constantes da Natureza,
Nas policromias maravilhosas
Da luz que me ilumina,
Vão os reflexos da tua própria vontade
E as centelhas do teu poder infinito.

Enfim...

Quanto mais te materializas
Menos te vejo
E mais te sinto!

Poesia e desenho de

JEREMIAS BANDARRA

POESIA

versos de
JAIME BORGES
desenho de
J. BANDARRA

Procuro-te no tanger dos sinos harmónicos,
Busco-te no cais onde há peixe e maresia.
Encontro-te nas casas de lata dos pobres do bairro
Onde vivo.

Respiro-te no ar que respiro.
Sinto-te no espaço cavalgando nuvens.
Espalho-te por todos os lados quando preocupado penso
Se estou vivo.

Arrasto-te comigo numa interminável avenida.
Empurro-te através da linha paralela do comboio.
Roubo-te a quem passa com ar cansado
De estar vivo.

Ilumino-te com os meus olhos e o meu corpo.
Seguro-te com todo o meu ser ardendo em êxtase.
Domino-te em noites febris com febre
De liberdade.

Roço o meu corpo pelo teu corpo e sinto-te,
Poesia.
Abafo a minha boca contra a tua boca e sinto-te,
Poesia.

Soluço de medo, de sonho, de amor,
Poesia.
Voragem, torrente de lava enchendo um vácuo,
Poesia.

A pedra da calçada brunida pelos meus pés
Espelha, a altas horas da noite,
A lua de face branca de pureza
Que indica a virtude
Aos namorados
E ilumina a altas horas o estro
Dos poetas.

E essas rosas abrasantes de vida e de desejo
Atraem o beijo infantil,
Autêntico beijo de amor.
— Ah! quantas rosas morrem
Sem um poeta que as eternize.
— Oh! A morte duma rosa não é eterna:
Ela ressuscita em todas as rosas
Que nascem todos os dias.

Ruem os estados, os templos, os homens:
A Poesia renasce e vive dos escombros,
A Poesia trepa e enrosca-se e envolve
Os inventos, os génios, os séculos,
Os mundos, os sois, os sistemas solares;
Espreme o suco da vida de cada coisa;
Tudo o que encontra eterniza;
Marca tudo o que toca.
Deus é poeta.

Do livro, a publicar, «Vida Tatuada No Meu Peito»

A CONQUISTA

Continuação da página anterior

zita, moça que julgo de jeito e de bens abastados. A gente não pode viver confiante sem um bom pé de meia. E se pudermos arranjar a perna em vez do pé, tanto melhor».

Ai olarila, se deu resultado! Ela caiu logo nas malhas da confissão, e o malandro retardou o seu regresso à cidade para consumar a conquista. A princípio, parece-me que toda a freguesia se riu das pretensões do franganote. Mas quando começaram a ver a moça, que se expunha aos raios da ira paterna, e o Tobias, que se afoitava aos becos perigosos do Caselho, engoliram em seco e esperaram a vingança do pai da moçoila e dos pretendentes da terra. Estes, porém, não saíram do seu covil, porque a coragem e a sabedoria podem muito contra a brutalidade e a força. Só o velhote é que não foi na fita, e tosou forte na cachopa quando soube dos amores. O Tobias já se retirara, mas mandava-lhe cartas de fogo que uma amiga recebia. Bem sei como elas vinham, porque o taberneiro do lugar, homem que distribuía o correio, violava-as em segredo, soletrando-as depois com os amigos. E todos ficavam banzados com o expediente do rapaz. Que aquilo nem parecia homem daquela terra.

Mas olhem, nestas coisas, tanto vale dar-lhe como não lhe dar. Eles queriam e foi quanto bastou. O pai da Rosalina, que a não desejava casada com homem de tão poucos meios, moveu mundos e fundos para evitar aquela desgraça. Ameaçou de pô-la num convento, de mandá-la moirejar para o Alentejo, enfim, trinta

Conclui na página seguinte

alguns factos da vida de VÆ VICTIS!

Continuação da página anterior

★ *Entre o segundo e terceiro números, no fim de Fevereiro de 1959, dois eventos dignos de registo: criação dum grupo de teatro amador, inicialmente «Teatro Juvenil de Vae Victis!» (depois Círculo Experimental de Teatro) e visita ao Bairro da Lata do nosso corpo redactorial de então.*

★ *Da nossa oferta de colaboração nas Festas do Milenário, feita no «Vae Victis!» de 18 de Abril de 1959, até 8 de Agosto do mesmo ano, longo interregno. Apesar da «surpresa» que a nossa oferta suscitou em algumas das pessoas ligadas às Comemorações do Milenário, viemos a contribuir, afinal, com um dos mais válidos números realizados no campo cultural: a estreia do «Círculo Experimental de Teatro», hoje malogrado, e que partiu de iniciativa nossa. Mau grado o amadorismo mais do que surpreendente em que quase todos foram principiantes, mostrámos algo que Aveiro nunca tinha visto — e pena foi que se ficasse por aí.*

Conclui na página seguinte

Olhos Anónimos

por MARIA EDUARDA CORADO

Num olhar pode ficar uma vida inteira
Sem que se tenha dito sim ou não.
Na passagem dum comboio-rápido,
No vislumbre duma estação sem nome,
Salta qual fogo-fátuo no mar alto
Uma centelha azul de humanidade.

E não houve nada, nem sequer uma visão física.
Nada foi dito, começado; nem palavras,
Nem gestos de entendimento. Uma figura
Que sem voz e sem corpo nos olhou
E ficou por uma vida inteira.

Quedo-me a contemplar, na solidão,
Quantos olhares dos outros deparamos
Sem que eu diga — foi um olhar...
E estes são os nossos amigos, os dialogadores,
Os que nos enchem de vozes o silêncio.

TÚMULO DE NEVE

Continuação da página anterior

tomando-lhe a mãozita, arrasta-a consigo.

Chegados junto de um edifício sumptuoso, o velho quedou-se de mão estendida, enquanto a criança se sentava a seus pés, sobre as pedras frias do passeio.

A populaça, ao passar, apenas lhes lançava olhares de indiferença. Que lhe importavam as dores alheias, se tinha tanto em que pensar?

O tempo corria célere e nem sequer uma alma caridosa atentava neles.

Morria a tarde e com ela o movimento. Escasseavam os transeuntes. Apenas o braço do velho continuava teimosamente estendido. A mão crispada espelhava o desespero que lhe grassava no íntimo. E chorava o bom do velho...

Acendiam-se as primeiras luzes. A luz baça dos candeeiros reflectia-se nos enormes prédios dando-lhes a aparência de estranhos monstros agonizantes.

O velho sentiu um arrepio de frio percorrer-lhe o corpo. Ergueu a criança e disse-lhe simplesmente:

— Vem.

Partiram pelo mesmo caminho por onde vieram. Treparam a encosta íngreme da serrania, deixando para trás aquela terra ingrata. Continuaram a caminhada vagabunda por entre pinhais e descampados.

A criança sentia os pés doridos. Os cardos daninhos feriram-lhe a carne profundamente. Sentia fome e cansaço.

Virou-se para o velho e suplicou:

— Quero dormir, avô. Tenho tanto sono...

O velho ergueu-a nos braços e estreitou-a amorosamente de encontro ao peito.

Avançaram assim durante largo tempo. O velho sentia as pernas trôpegas e aquele fardo pesava-lhe demasiado. Não podia prosseguir. Pousou de mansinho a criança no chão duro. Olhou em redor, até que descortinou o vulto de uma árvore enorme. Ergueu de novo a pequenita e, com ela nos braços, acocorou-se junto ao tronco secular da árvore desfolhada.

Cai agora neve, duma frialdade de morte. Adormecem unidos.

O nevão, impiedoso, caindo mais intensamente, vai cobrindo os dois corpos com o seu manto de alvura imaculada.

E o seu túmulo foi a nudez da noite...

João Carlos Soares

A Música na Antiguidade

Apontamento de MARIA LUISA HERNANDEZ

O tema que vou desenvolver não é novo, já que professores especializados na matéria muito escreveram e falaram sobre o assunto.

Portanto, limitar-me-ei a expor ideias que não são minhas.

A falta absoluta de documentos musicais da época mais antiga torna impossível conceber-se como foi a Música naqueles tempos recuadíssimos. A opinião mais corrente é a de que os velhos povos não conheceram a melodia absoluta e que o canto foi uma espécie de declamação com mais ou menos intensidade de voz, e um ritmo dependente da «prosodia». Como os alicerces da Cultura humana foram cimentados na Ásia, supõe-se com fundamento que ali também teve lugar a origem da música com os «Rangs» — na Índia —, e a escala que Ling Lun estabeleceu na China, uns 2 500 anos A. C..

Dos «bajorrelieves» do Egipto se deduz o grande número de instrumentos musicais que o seu povo já utilizava; e, entre os Hebreus, se consigna que David e Salomão, para o serviço desse tempo, destinavam 4 000 cantores e músicos, e que os *Salmos*, do primeiro, e o *Cântico dos Cânticos*, do segundo, constituíram as obras que determinaram o maior florescimento da música hebraica.

Os gregos atribuíram a origem mítica da Música a Orfeu, e os seus cânticos ditirâmbicos foram a principal manifestação nos seus primórdios; surgiu, então, o nome de Terpandro, o verdadeiro criador da antiga teoria musical; e, depois, teve grande importância o célebre filósofo e matemático Pitágoras, que introduziu na sua pátria as modificações que o estudo das músicas asiática e egípcia lhe sugeriram.

O maior esplendor da música grega deu-se na época do desenvolvimento da tragédia nacional, com a importância que os coros tiveram na mesma. Devemos notáveis estudos sobre a Música a Alípio, Plutarco, Platão, Aristóteles e outros.

Supõe-se que os primeiros cânticos cristãos eram semelhantes aos hebreus, porém influenciados pelas músicas grega e romana. Entre os principais cultivadores podemos citar: S. Clemente de Alexandria, S. Basílio, o Papa Silvestre, S.to Ambrósio Arcebispo de Milão (333-397), e S. Gregório Magno (540-604), fundador da «Schola Cantorum Romana». Com os cânticos gregorianos termina toda uma época — a da Antiguidade.

A partir de então, a Música sofreu uma mudança e uma evolução notáveis, que deram começo à época nova da Idade Média.

O Plano de Urbanização da Cidade

Continuação da primeira página

blemas respeitantes, que era necessário rever.

Os senhores Arquitectos David Moreira da Silva e D. Maria José Moreira da Silva compareceram na combinada conferência *e expuseram os motivos do atraso na apresentação do anteplano* de que estavam incumbidos.

Esclarecido o assunto *e afastados os incidentes*, estabeleceu-se, em perfeito espírito de bom entendimento e de objectividade, *um programa de renovação e revisão do anteplano, cujo início datava de há dez anos*, e acordou-se numa fórmula de *novo contrato* a efectuar com os mesmos senhores Arquitectos-urbanistas.

Constatou-se que era necessário atender a alguns factos supervenientes *que impunham modificações importantes* no primitivamente projectado, e assentou-se em que se deveriam introduzir *algumas inovações e modificações* derivadas, não só de alguns novos pontos de vista da Presidência, mas também da consideração das dificuldades do trânsito em face do crescente movimento de veículos nas estreitas artérias da cidade».

Enumera depois alguns *«factos a tomar em conta e problemas a enfrentar e resolver por modificações necessárias no anteplano em elaboração»* e dá conta de uma proposta relativa à comunicação meridional da cidade — proposta que, «depois de animada discussão, foi aprovada, *em face do que se transmitiram ao senhores Arquitectos-urbanistas as instruções necessárias para o consecutivo estudo*» (págs. 22 e segs.).

Somos obrigados a parar aqui, pois não conhecemos relatórios posteriores ao da gerência de 1957.

*

Este resumo, escrupulosamente objectivo, permitirá uma apreciação mais conscienciosa dos factos.

Desde logo resulta não ser exacto que, em matéria de urbanização, tudo em Aveiro se tenha feito arbitràriamente, segundo os gostos pessoais de quem sacrificadamente se votou à transformação e ao alindamento da cidade e por isso se tornou digno dos nossos louvores.

Isto não impede de lamentar o facto de ainda hoje não se encontrar concluído e aprovado um plano de urbanização, que devia ter sido entregue até 9 de Agosto ou 9 de Setembro de 1946!

Em 1951, as repartições competentes disseram, muito expressivamente, que o anteplano dos srs. arquitectos-urbanistas *poderia servir de base a estudos ulteriores, mas carecia, quer no seu conjunto, quer em alguns pormenores, de sofrer uma importante remodelação.* Foi mais expressivo ainda, segundo nos afirmam, o ilustre Ministro das Obras Públicas, no despacho que então proferiu. Desde essa data, multiplicaram-se os estudos, as remodelações e as inovações — *mas Aveiro continuou e continua sem um plano de urbanização definitivo e devidamente aprovado.*

Quais as razões invocadas pelos srs. arquitectos-urbanistas para justificar o inconcebível «atraso na apresentação do anteplano de que estavam incumbidos»?

Quanto têm custado ao Município as actividades e as demoras dos senhores arquitectos-urbanistas e as deficiências do seu trabalho?

Quais as consequências — algumas muito deploráveis! — de não termos ainda um plano completo de urbanização, que há longos anos devia estar concluído e aprovado?

Haveremos de abordar conscienciosamente estes problemas, quando obtivermos elementos seguros que o permitam, pois afectam grandemente interesses vitais da cidade, que todos temos o dever de servir.

Façanha Criminosa

Continuação da primeira página

toda a Imprensa honesta do mundo livre como acto de «pirataria pura e simples».

Proezas do género, nas circunstâncias de facto já conhecidas, classificam-nas de crime de pirataria uma disposição expressa no Código Penal Português e as normas de Direito Internacional Marítimo, com aplauso da doutrina de tratadistas especializados e da jurispendência dos tribunais competentes.

Mas aqui não se trata apenas de uma revivescência, audaciosa e torpe, da negregada pirataria de outros tempos, frequente nos séculos XV e XVI, ordinàriamente praticada com intuitos de pilhagem: o criminoso assalto foi planeado e levado a cabo por portugueses degenerados, de conluio com facínoras estrangeiros, num momento de singular melindre para a defesa dos legítimos direitos e interesses da nossa soberania e com fins repreensíveis de agitação, que sobrelevam o roubo miserável e execrando.

O crime foi friamente estudado e infamemente cometido contra Portugal — contra o prestígio e a integridade da Nação, que os os portugueses de todas as raças, de todas as cores e de todas as ideologias têm o dever, indeclinável e sagrado, de respeitar e defender.

Não há palavras suficientemente expressivas para traduzir a repulsa que a vileza nos merece.

VÆ VICTIS!

CONCLUSÕES DA PÁGINA ANTERIOR

A CONQUISTA

por uma linha. Ela é que batia o pé e dizia que era aquele e só aquele que a levaria ao altar.

«Pois ao altar é que ele te não leva!» — ripostava-lhe o pai. «Nem que eu me ponha atrás da porta da igreja, a servir de tranca».

«Esquece que há milheiros de igrejas e capelas por esse mundo além!» — respondia-lhe a moça, que perdera todo o respeito.

«Mas eu esgano-te primeiro!» — espumava finalmente o velho.

Tobias ia sabendo destas querelas e esperava com paciência. Água mole em pedra dura tanto dá até que fura, e a Rosalina porfiava nos seus propósitos. O pai andava sempre resmungão.

«O padre Bento já está avisado, e não é por ali que tu levas a água ao moinho». A moça fazia um trejeito desdenhoso e ripostava:

«Há mais Marias na terra, e não é por falta do padre Bento que eu hei-de ficar solteira». A mãe ria-se, à socapa, dos propósitos da rapariga. Mas o caso era sério, porque o velho Meneses, seu marido, é que não ia na mesma maré:

«Se te juntas a esse gabirú, ficas deserdada. Nem um centavo levas desta casa para fora.»

«E eu que me ralo. Enterre consigo a riqueza.»

Depois afastava-se, e ia chorar para o seu quarto. Os tempos passaram e as cenas repetiram-se. Quando o silêncio da noite serrana invadia os campos e as coisas, e a luz da Estrela da Manhã já se notava no céu do Norte, batiam à janela da Rosalina e ela ia receber a carta do Tobias, que lia, dezenas de vezes à luz do candeeiro. Os galos acordavam e quando cantavam, ainda ela chorava lendo as palavras de paixão do seu pretendente. Depois escondia a carta debaixo da enxerga de folhas de milho, e preparava-se para mais um dia de quesílias.

Mas chegou uma vez em que não foi a vizinha quem veio bater-lhe à noite. Abriu, de mansinho as vidraças do seu quarto, e deixou-se enlaçar pelos braços desejados do Tobias. Saltaram juntos e juntos se embrenharam no caminho, através da madrugada.

No dia seguinte, o velho Meneses entrou com lividez de cera no paçal do abade e ordenou-lhe, na sala de jantar: «Padre Bento, venho pedir-lhe um favor: Vai excomungar a minha filha — excomungá-la já! — e mais o vagabundo com quem ela fugiu na noite passada».

Pereira da Silva

Excerto do conto inédito «O Vale dos Anões».

alguns factos da vida de VÆ VICTIS!

★ *Entretanto, «Vae Victis!» iniciou uma série de reportagens e entrevistas com figuras marcantes na vida artística, que só não prosseguiu porque essas figuras de cá andam arredias. De quem será a culpa? Não deixemos de frisar, também, o auxílio que pretendemos dar, mediante pequenas entrevistas-notícias, aos amadores de artes plásticas e de outros campos artísticos.*

De resto, tudo esteve e continua no nosso programa: dar guarida a todos os novos com talento, portadores de ideias claras e honestas.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	CENTRAL
Domingo	MODERNA
2.ª feira	A L A
3.ª feira	M. CALADO
4.ª feira	AVEIRENSE
5.ª feira	SAÚDE
6.ª feira	OUDINOT

Movimento marítimo

★ Em 18, procedente do Porto, entrou o navio-motor *Dione*, e saiu, para Lisboa, o navio-tanque *Fina Lobito*, acabado de construir pelos Estaleiros São Jacinto, S. A. R. L..

★ Em 19, com destino a Lisboa, saíram os batelões *7-C* e *8-C*, da Dircção Geral dos Serviços Hidráulicos, a reboque do *Guadiana* e *Setúbal*, e ainda o navio-motor *Dione*, com 189 toneladas de madeira.

★ Em 20, vindo de Lisboa, a reboque do *Monsanto*, *Cláudia*, com 770 toneladas de gasolina.

★ Em 21, para Lisboa e a reboque do *Monsanto*, saiu, em lastro, o navio-tanque *Cláudia*.

«Correio do Vouga»

O Secretariado Nacional da Informação, que recentemente instituiu um prémio para galardoar, de entre os jornais não diários do Continente e Ilhas, o que revelasse maior espírito de iniciativa, melhor visão jornalística e melhor aspecto gráfico, concedeu-o recentemente ao semanário diocesano aveirense *Correio do Vouga*.

Ao registar tão honrosa distinção, que não é só para o conhecido semanário, mas também para a cidade, com ela nos regozijamos, felicitando quantos trabalham no *Correio do Vouga*.

Carnaval em Ovar

Como já vem sendo tradicional de há anos a esta parte, vão realizar-se em Ovar importantes festejos carnavalescos, nos dias 5, 9, 12 e 14 de Fevereiro, patrocinados pela Junta de Turismo e Câmara Municipal daquela vila.

Do vasto programa elaborado, consta o seguinte:

✱ Em 5, chegada à estação do caminho de ferro, de Sua Magestade El-Rei Momo, de sua «excelsa» esposa e ainda de importantes figuras do seu séquito. Seguidamente, será organizado um alegre cortejo em direcção ao centro da vila, onde El-Rei Momo falará às centenas de foliões que ali estarão para lhes prestar as suas homenagens.

✱ No dia 9, às 22 horas, desfilará uma sensacional marcha luminosa, na qual tomarão parte centenas de mascarados e foliões.

✱ No dia 12, Domingo Gordo, o dia principal do Carnaval de Ovar, desfile do Grande Cortejo Carnavalesco, composto de muitos carros alegóricos do mais belo efeito artístico, tripulados por gentilíssimas raparigas, centenas de gigantones e cabeçudos, bandas, palhaços e um sem número de foliões, numa parada de extraordinário bom gosto, cor e alegria.

✱ Na terça-feira, dia 14, o Cortejo desfilará de novo, embora com menos esplendor que no Domingo.

Ovar prepara-se, pois, para receber os milhares de visitantes que todos os anos ali acorrem, ansiosos por admirar um espectáculo único no País pela sua cor, alegria esfusiante, arte e bom humor que em tudo se patenteia.

Divirta-se no Carnaval, visitando Ovar!

Noticiário religioso

Festa de Nossa Senhora da Apresentação

Na igreja paroquial da Vera-Cruz, realiza-se na próxima quinta feira, dia 2 de Fevereiro, a tradicional festa em honra de Nossa Senhora da Apresentação, com este programa:

A's 10.30 horas — Entrada do sr. D. Domingos da Apresentação Fernandes, Bispo de Aveiro, que presidirá à Benção e Procissão das Velas.

A's 11 horas — Missa Solene, com Sermão e Exposição do Santíssimo Sacramento.

A's 17 horas — Terço, Sermão e Benção do Santíssimo Sacramento. Pregará o Rev.º Padre Alcino Vieira dos Santos, Pároco de Leça de Palmeira.

Nas solenidades colabora a *Capela* da Banda Amizade.

Aveiro em Paris

Na quinta-feira passada, o realizador cinematográfico André Petit realizou em Paris uma conferência sobre o tema *Portugal, País de Conquistadores*, ilustrada com projecções de um belo documentário colorido, em que se focam aspectos da vida e da paisagem portuguesas.

Um dos capítulos do filme, muito apreciado por numerosas altas individualidades francesas das Letras e das Artes, respeita a *Aveiro, a Holanda Portuguesa*.

O êxito obtido pela conferência e pelo documentário foi tal que se encontra anunciada a sua repetição para amanhã, domingo.

Bailes

★ Amanhã, como aqui se referiu na semana finda, um grupo de jovens aveirenses promove, com início às 14.30 horas, uma *matinée* dançante, no Teatro Aveirense.

Actuam a *Orquestra Ibéria*, de Aveiro, e o *Conjunto de Walter Behrend*, do Porto.

★ Também amanhã de tarde, com início às 15.30 horas, a Banda Amizade promove, no salão nobre da sua nova sede, um *Baile de Inauguração*.

Sessão de cinema

A receita da sessão cinematográfica que esta noite se realiza no Teatro Aveirense — exibe-se a película *O Bolero de Raquel*, com o apreciado cómico mexicano Cantinflas — destina-se aos empregados da aludida casa de espectáculos, que são seus promotores.

Empregado de Escritório

Admite-se, para Empresa situada nos arredores de Aveiro, com conhecimentos de contabilidade e escrevendo bem à máquina.

Ordenado inicial: 2300$00 mensais.

Resposta ao n.º 120.

Câmara Municipal de Aveiro

Edital

1.ª publicação

Dr. Alberto Souto, Presidente da Câmara Municipal do Conselho de Aveiro:

Faço público que JOSÉ DE SOUSA DA SILVA, casado, residente na Rua do 1.º Visconde da Granja, desta cidade, requereu no sentido de ser autorizado a trasladar os restos mortais de sua filha ROSA SIMÕES DE SOUSA DA SILVA, da sepultura n.º 97 do 1.º Talhão do Cemitério Sul, desta cidade, para a Sepultura n.º 1043 do 4.º Talhão do Cemitério Central.

Dá-se conhecimento do pedido aos parentes mais próximos para deduzirem, querendo, perante esta Câmara, no prazo de VINTE DIAS, contados da 2.ª publicação destes, qualquer oposição à trasladação referida.

Findo este prazo, o pedido será deferido, se se verificar não haver quem, nos termos da Lei, prefira ao requerente no direito de dispor dos referidos restos mortais.

PAÇOS DO CONCELHO DE AVEIRO, 26 de Janeiro de 1961

O Presidente da Câmara,

Alberto Souto

Câmara Municipal de Aveiro

Serviços Municipalizados

ANÚNCIO

Faz-se público que se encontra aberto concurso de provas práticas, pelo prazo de 15 dias, a contar da data da publicação do presente anúncio, para o preenchimento das vagas que ocorram no prazo de dois anos nas seguintes categorias do quadro do pessoal menor, a que correspondem os salários diários ilíquidos que vão indicados:

Motoristas . . . . *50$40*
Cobradores (do S. T. Colectivos) . . *38$40*

Podem concorrer os indivíduos do sexo masculino com idade de 21 anos pelo menos, mas não mais de 35 (exceptuados, quanto a esse limite, os que já forem serventuários públicos ou administrativos), com a habilitação mínima da 4.ª classe da instrução primária e os demais requisitos indicados no «Regulamento» respectivo.

Os requerimentos serão dirigidos ao Presidente do Conselho de Administração destes Serviços, contendo as indicações que constam do mesmo «Regulamento», e deverão ser entregues na Secretaria acompanhados dum impresso modelo D/4.

Aveiro, 27 de Janeiro de 1960

O Presidente do Conselho de Administração,

Humberto Leitão

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

2.ª Publicação

Pelo 1.º Juízo da Comarca de Aveiro e 2.ª Secção de processos, pendem uns autos de execução ordinária, que António dos Santos Ribeiro, casado, proprietário, residente em Vale de Ílhavo, move contra os executados Manuel Duarte Ferreira e mulher, Rosa Nunes Torrão, residentes em Bonsucesso, freguesia de Aradas e, nos mesmos autos, correm éditos de 20 dias, citando os credores desconhecidos dos executados, para, no prazo de 10 dias, findo o dos éditos, deduzirem, querendo, os seus direitos, nos aludidos autos.

Aveiro, 14 de Janeiro de 1961

O Chefe da 2.ª Secção,

João Alves

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Silvino Alberto Vila Nova

Litoral ★ Aveiro, 28-I-1960 ★ N.º 327

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

2.ª Publicação

Pelo Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro — 1.º Juízo e 2.ª Secção —, pendem uns autos de execução de sentença, em que é exequente *Mercantil Aveirense, L.da*, com sede em Aveiro, e executados *Francisco Alves de Matos* e mulher, *Guiomar da Maia Fortes*, ele pintor e ela doméstica, residentes na Rua das Salineiras, 26, nesta cidade, e, nos mesmos autos, correm éditos de 20 dias citando os credores desconhecidos dos executados, para, no prazo de 10 dias, posteriores ao dos éditos, contados da 2.ª publicação deste anúncio, deduzirem, querendo, os seus direitos.

Aveiro, 14 de Janeiro de 1961

O Chefe da 2.ª Secção,

João Alves

VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito,

Silvino Alberto Vila Nova

Litoral ★ Aveiro, 28-I-1961 ★ N.º 327

BANDA AMIZADE

Continuação da primeira página

por alma dos sócios e executantes falecidos. O piedoso acto, que teve como oficiante o Rev.º Padre Manuel António Fernandes, realizou-se na igreja paroquial da Vera-Cruz.

Seguiram-se duas cerimónias que muito sensibilizaram e alegraram quantos a elas assistiram: o arriar da Bandeira da *Banda Amizade* na antiga sede da agremiação em festa e o seu hastear no novo edifício. Estes actos foram executados pelos srs. Amadeu Trindade Freire, Presidente da Direcção da *Banda Amizade*, e José Marques, que é um dos seus mais antigos componentes.

A última cerimónia foi precedida de um cortejo, que desfilou da antiga para a nova sede, e em que se fizeram representar, com os respectivos estandartes, as duas corporações aveirenses de bombeiros e numerosas colectividades citadinas.

Sessão Solene

No salão de festas da nova casa, efectuou-se, logo após, uma luzida sessão solene, encontrando-se assim formada a mesa de honra, a que presidiu o sr. Dr. Jaime Ferreira da Silva, Governador Civil do Distrito: Dr. Alberto Souto, Presidente da Câmara Municipal; Coronel José Rodrigues Ricardo, Comandante Militar; Desembargador Dr. Jaime Dagoberto de Melo Freitas; 2.º Tenente Joaquim Luzio, em representação do sr. Capitão do Porto; Dr. Jorge da Fonseca Jorge, Delegado do I. N. T. P.; Dr. Orlando de Oliveira, Reitor do Liceu; e Dr. Amadeu Cachim, Director da Escola Técnica.

Em lugar destacado, via-se, também, o sr. D. Domingos da Apresentação Fernandes, Bispo de Aveiro.

Aberta a sessão, o sr. Dr. Luís Regala, Presidente da Assembleia Geral da *Banda Amizade*, convidou o Chefe do Distrito e o sr. Dr. Querubim Guimarães a descerrarem, respectivamente, os retratos do sr. Ministro das Obras Públicas, Eng.º Arantes e Oliveira, e do Dr. Francisco José Rodrigues do Vale Guimarães, antigo Governador Civil de Aveiro — como homenagem pelos relevantes serviços e auxílios que ambos haviam prestado à colectividade em festa.

A seguir, foram entregues diplomas de sócios de honra às duas corporações de bombeiros e a destacadas individualidades locais; e foram atribuídos diplomas de dedicação a executantes com mais de 20 e mais de 15 anos de actividade.

Logo após, o sr. Dr. Alberto Souto dirigiu saudações e felicitações à *Música Velha*, tendo anunciado que a Câmara Municipal havia concedido à prestigiosa instituição a «Medalha de Prata da Cidade», pelo seu exemplo de trabalho, disciplina, e nível artístico e cultural. Estas palavras foram coroadas com prolongada salva de palmas.

O Dr. David Cristo, historiando as diversas fases da construção da nova sede, salientou a acção desenvolvida pelo sr. Dr. Vale Guimarães e o auxílio prestado pelo sr. Ministro das Obras Públicas, e exaltou a dedicação e a persistência do sr. Amadeu Trindade Freire e seus colegas de Direcção nas diversas diligências levadas a cabo no intuito de se obter a conclusão da obra.

Depois, usou da palavra o sr. Governador Civil, que se congratulou por ter presidido àquela sessão, saudando e felicitando quantos de algum modo lutaram pela causa da *Banda Amizade*. Concluindo, o sr. Dr. Jaime Ferreira da Silva rendeu homenagem ao sr. Ministro das Obras Públicas.

Agradecendo a homenagem que lhe fora prestada, o sr. Dr. Francisco do Vale Guimarães pronunciou breve discurso em que prestou também homenagem ao sr. Ministro das Obras Públicas, salientando o muito que aquele ilustre membro do Governo tem feito por Aveiro.

Por último, o sr. Dr. Luís Regala agradeceu a presença de todas entidades oficiais e do Prelado da Diocese, solicitando ao Chefe do Distrito que transmitisse ao titular da pasta das Obras Públicas o profundo reconhecimento da *Banda Amizade*. Manifestou, também, a enorme gratidão da *Música Velha* à Câmara Municipal, pelo elevado galardão que lhe fora atribuído.

Jantar de confraternização

No *Restaurante Galo d'Ouro*, efectuou-se, pelas 20 horas, um jantar de confraternização, a que presidiu o sr. Dr. Fernando Marques, Governador Civil Substituto, ladeado pelas seguintes individualidades: Rev.º Padre Manuel Caetano Fidalgo, em representação do sr. Bispo de Aveiro; Dr. Francisco do Vale Guimarães; Dr. Luís Regala, Presidente da Assembleia Geral da *Banda Amizade;* Dr. Jorge da Fonseca Jorge, Delegado do I. N. T. P.; Coronel José Rodrigues Ricardo, Comandante Militar; Dr. Orlando de Oliveira, Reitor do Liceu; e Rev.º Padre Manuel António Fernandes, Páraco da Vera-Cruz.

Durante os brindes, usaram da palavra os srs. Amadeu Trindade Freire, José Pinheiro Palpista, Dr. Fernando Marques e Dr. Luís Regala.

NO DOMINGO

Romagens de saudade

Como remate das comemorações, a *Banda Amizade* promoveu, pelas 10 horas de domingo, romagens de saudade aos cemitérios citadinos, onde foram depostas coroas de flores nos túmulos de sócios e executantes da prestigiosa agremiação.

Estiveram presentes nas cerimónias os bombeiros das duas corporações aveirenses.

Visitas à nova sede

Durante toda a tarde de domingo, as instalações do novo edifício foram franqueadas ao público, que ali afluiu um grande número, percorrendo demoradamente e apreciando com muito interesse uma exposição evocativa da *Banda Amizade* ao longo da sua existência.

Vista do edifício da nova sede da Banda Amizade

FAZEM ANOS:

Hoje — *Os srs. Fausto Castilho e Bento Manuel da Graça Araújo, filho da sr.ª D. Rosa Eulália da Graça Araújo; e as meninas Airi Anneli Pertulla, filha do sr. Eng.º Aimo Ensio Pertulla, Maria José Génio de Lima, filha do saudoso Capitão Barata de Lima, e Maria da Glória da Silva Tavares Veiga, filha do sr. Rui da Silva Tavares Veiga.*

Amanhã — *As sr.as D. Elvira Candeias Valentim, esposa do sr. Tenente Jaime Vieira Valentim, e D. Maria Leonor de Lemos Manuel (Atalaya); os srs. Tenente Jaime Sabino e Manuel José da Costa Guimarães; a menina Maria Clementina Pereira Amorim, filha do sr. Joaquim Adriano de Almeida Campos Amorim; e o menino Florentino Manuel Valente Marabuto, filho do sr. Duarte Marabuto.*

Em 30 — *A sr.ª D. Maria da Soledade Pereira da Cruz de Vilhena; e os srs. Dr. José Pereira Tavares e Domingos João dos Reis Júnior.*

Em 31 — *As sr.as D. Cândida Lopes Brites, esposa do sr. Tenente João Baptista do Amaral Brites, Comandante da G. F., D. Maria da Apresentação de Sousa Taborda e D. Cândida Teixeira Lopes Malheiro; e os srs. Severino dos Anjos Vieira e Alberto Ferreira da Cunha.*

Em 1 de Fevereiro — *A sr.ª D. Rosa da Silva Andias Varela, esposa do sr. José Júlio Pereira Varela; os srs. José Martins Arroja, Carlos do Roque e 1.º Sargento Carlos Augusto Pires; e a menina Ermelinda Rosa de Oliveira, filha do sr. Manuel Agostinho de Silva.*

Em 2 — *As sr.as D. Maria Manuela de Almeida d'Eça Regala Pinto do Amaral, esposa do sr. Capitão Pinto do Amaral, D. Maria da Apresentação da Cruz Matos, esposa do sr. Manuel de Matos, aveirenses ausentes na cidade da Beira (Moçambique), D. Olívia da Conceição Neto da Costa Pinho, esposa do sr. António Joaquim da Costa Pinho, D. Preciosa Ferreira Nova, esposa do sr. Aldemir Almeida Costa e Silva, e D. Maria da Apresentação Limas, esposa do sr. Manuel Ferreira Sardo; e o sr. Fausto Lopes Nogueira, residente no Funchal.*

Em 3 — *O srs. Coronel António de Pinho Freitas, Director da Escola Central de Sargentos, de Águeda, e Dr. Rogério da Silva Leitão, filho do nosso colaborador Dr. Humberto Leitão; a menina Maria do Rosário Ribeiro do Vale Guimarães, filha do sr. Carlos Augusto Rodrigues do Vale Guimarães; e o menino Armando Jorge da Graça e Melo, filho do sr. Cesário da Graça e Melo.*

NASCIMENTO

No passado domingo, dia 22, nasceu uma menina ao casal da sr.ª D. Maria Margarida Gamelas Castilho e do sr. Fausto Castilho.

Os nossos parabéns

Câmara Municipal de Aveiro

AVISO

Dr. Alberto Souto, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faz público que esta Câmara Municipal, em sua reunião ordinária de 20 do corrente mês, deliberou abrir concurso, pelo prazo de VINTE DIAS, para exploração da Aparelhagem Sonora durante a Feira de Março do corrente ano.

As condições podem ser examinadas na Secretaria desta Câmara e o prazo para a recepção das propostas termina no dia 10 de Fevereiro próximo, pelas 14.30 horas.

PAÇOS DO CONCELHO DE AVEIRO, 21 de Janeiro de 1961

O Presidente da Câmara,

Alberto Souto

Continuações da última página

FUTEBOL

Beira-Mar — Sanjoanense

pre um inconformado contendor, os beiramarenses baixaram de rendimento, no segundo tempo, seguros nos 2-0. Ante o geral amolecimento dos locais, os sanjoaninos espevitaram-se, equilibrando o prélio, que se arrastou em longo período de reduzido interesse. No entanto, quando os visitantes chegaram ao 1-2, numa recarga surgida no seguimento de um livre, logo os aveirenses voltaram ao anterior ritmo — na altura mais valorizado pela réplica dos forasteiros, que pensavam num possível empate...

Em suma, assistiu-se a um grande encontro, que concluiu com o êxito do melhor dos conjuntos que se defrontaram. Numèricamente, talvez 4-1 ou 5-1 estivesse melhor... (uma nota breve: aos 56 m., em lance pessoal, Miguel rematou a um poste...).

Nomes em evidência: Amândio, Miguel, Marçal, Jurado, Liberal e ainda Garcia e Calisto, no Beira-Mar — onde, aliás, todos cumpriram; e Ramiro, Alvarez, Porcel e Gaspar, na Sanjoanense.

Augusto Baptista notabilizou-se, igualmente, pelo seu pouco desportivismo, só não tendo sido expulso porque o árbitro foi indulgente em demasia. Para além da falha que acaba de se apontar, o juiz de campo agradou plenamente, efectuando uma arbitragem digna de boa nota.

Registo

Árbitro — Aniceto Nogueira. Fiscais de linha — João Pinto Ferreira (bancada) e Caetano Nogueira (peão) — todos da Comissão Distrital do Porto.

BEIRA-MAR — Violas; Louceiro, Liberal e Jurado; Amândio e Marçal; Miguel, Laranjeira, Calisto, Garcia e Paulino.

SANJOANENSE — Ramiro; Carlos, Alvarez e Almeida; Rodrigues e Gaspar; Gonçalves, Augusto Baptista, Coutinho, Porcell e Grilo.

1.ª parte: 2-0.

Golos — Pelo Beira-Mar, GARCIA, aos 15 m., e MIGUEL, aos 40 e aos 85 m.; e, pela Sanjoanense, GONÇALVES, aos 72 m..

Mapa da Classificação

CLUBES	J	V.	E.	D.	Bolas	P.
Oliveirense	16	11	1	4	31 - 17	23
C. Branco	16	8	4	4	30 - 18	20
Beira-Mar	16	7	6	3	30 - 19	20
Caldas	16	8	2	6	35 - 28	18
Boavista	16	8	1	7	33 - 24	17
Torriense	16	7	3	6	24 - 26	17
Marinhense	15	7	2	6	30 - 18	16
Peniche	16	7	2	7	20 - 27	16
Sanjoanen.	16	6	3	7	33 - 37	15
Feirense	16	5	4	7	32 - 36	14
G. Vicente	16	5	3	8	29 - 26	13
Chaves	16	4	4	8	24 - 36	12
União	15	5	1	9	17 - 45	11
Vianense	16	4	2	10	17 - 26	10

Jogos para o dia 5 de Fevereiro

Gil Vicente — Oliveirense (1-2), Feirense — Boavista (2-3), Chaves — Castelo Branco (1-1), Peniche — Caldas (1-1), Vianense — União (0-2), Marinhense — Beira-Mar (2-2), e Sanjoanense — Torriense (2-5).

do jogo

Amanhã, os clubes da I e da II Divisão interrompem as provas em que se encontram envolvidos, a fim de disputarem os desafios da primeira mão da eliminatória inaugural da TAÇA DE PORTUGAL, que engloba os seguintes prélios:

Covilhã-Olhanense, União de Coimbra-Guimarães, F. C. do Porto-Lusitano de Évora, Barreirense-Académica, Torriense-Sacavenense, Caldas-Oriental, Montijo-Juventude, Salgueiros-Benfica, Boavista-Beja, Vitória de Setúbal-Estoril, OLIVEIRENSE-CASTELO BRANCO, FEIRENSE-GIL VICENTE, Alhandra-Leixões, Marinhense-Farense, Braga-Lusitano, Chaves-Olivais, Vianense-Belenenses, PORTIMONENSE-SANJOANENSE, Peniche-C. U. F., UNIÃO DE MONTEMOR-BEIRA-MAR.

O desafio Atlético-Sporting foi adiado para data a marcar.

Os jogos da segunda mão realizam-se em 26 de Fevereiro.

Xadrez de Notícias

Oliveira, que, em tempos, dirigiu o Beira-Mar.

Para o exercício de 1961, foram eleitos os seguintes elementos para a Direcção da Associação Portuguesa da Classe Internacional Moth: Presidente — Dr. Francisco de Salles Castelo Branco (Clube Naval de Aveiro); Secretário — Bernardino José da Silva (Ovarense); e Tesoureiro — José Luís Archer (Clube Naval de Aveiro).

O prestigioso Sangalhos Desporto Clube encerra amanhã as solenidades comemorativas do seu XXI Aniversário. Os ciclistas efectuam uma prova-treino de preparação para a «Volta à Andaluzia»; e os basquetebolistas intervêm em dois festivais — os juniores defrontam o Galitos, enquanto que a actual turma de seniores se baterá com o grupo da «velha guarda». Haverá, ainda, um desafio de futebolinica, efectuando-se, à noite, um jantar de confraternização.

A Sociedade Columbófila de Aveiro inicia, em 5 de Fevereiro próximo, a sua campanha de 1961, promovendo um treino na distância de 15 quilómetros, com soltas de Oliveira do Bairro.

Acerte no resultado!

Nome: ____________________

Morada: ____________________

Resultado: MARINHENSE_____ BEIRA-MAR_____

Semanalmente, a LOJA DAS MEIAS oferece **uma gravata** aos leitores que acertarem no resultado dos jogos realizados pelo BEIRA-MAR e, até às 19 horas de cada sábado, entregarem, devidamente preenchido o «cupon» que em exclusivo, se publica no LITORAL.

Arrisque um palpite!

Dentre os leitores que acertarem no resultado exacto dos desafios do *BEIRA-MAR* e, devidamente preenchido, entregarem no *RESTAURANTE GALO D'OURO* o «cupon» que o LITORAL publica, em exclusivo, todas as semanas é designado — por sorteio — um concorrente que terá direito a um almoço ou jantar no referido Restaurante. Os «cupons» devem ser entregues até às 19 horas dos sábados que antecedem os jogos a que se referem.

Nome: ____________________

Morada: ____________________

Resultado: MARINHENSE_____ BEIRA-MAR_____

Na festa de Canha

BEIRA-MAR ACADÉMICA

Fernando Canha vai ter, em 19 do próximo mês de Março, a sua merecida festa de homenagem.

Segundo nos comunicou o próprio atleta — ontem, quando se fechava o presente número do *Litoral* — ela efectua-se na aludida data, jogando em Aveiro, com o grupo principal do Beira-Mar, a turma da Associação Académica de Coimbra.

Cartório Notarial de Ílhavo

Certifica-se, para efeitos de publicação, que, por escritura de dezoito de Janeiro de mil novecentos e sessenta e um, lavrada de folhas trinta e seis a trinta e oito, verso, do Livro próprio Número Seis, deste Cartório, foi constituida entre a Sociedade Neves & Capote Limitada, com sede em Ílhavo, e Joaquim da Fonseca e Sousa, casado, morador na cidade de Aveiro, à Rua de Eça de Queirós, número sete, uma Sociedade comercial, por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos dos Artigos seguintes:

PRIMEIRO — A Sociedade adopta a denominação de REPRESENTAÇÕES AVEIRAUTO, LIMITADA — durará por tempo indeterminado, a contar de vinte de Janeiro de mil novecentos e sessenta e um, fica com a sua sede na cidade de Aveiro, e o seu objectivo é o comércio de compra e venda de automóveis, montados ou por montar e sua montagem, e acessórios para os mesmos.

SEGUNDO — O capital social, inteiramente realizado já em dinheiro, é de tresentos mil escudos, representado e dividido por duas quotas de cento e cinquenta mil escudos cada uma, subscritas uma pela sócia Neves & Capote, Limitada e outra pelo sócio Joaquim da Fonseca e Sousa.

TERCEIRO — Não serão exigíveis prestações suplementares; mas os sócios poderão fazer à Sociedade, nos termos em que acordarem, os suprimentos de que ela carecer.

QUARTO — A cessão de quotas, no todo ou em parte, é sempre permitida entre os sócios; mas, não poderá verificar-se em relação a estranhos, sem consentimento expresso da Sociedade, à qual é reservado, em todos os casos, o direito de preferência. PARÁGRAFO PRIMEIRO — Não querendo a Sociedade preferir, pertencerá esta preferência (ou esse direito), individualmente, a cada um dos sócios. PARÁGRAFO SEGUNDO — Para poderem exercer, querendo, esse direito, a Sociedade e os sócios serão notificados, com a antecedência de trinta dias, por meio de cartas registadas, com aviso de recepção.

QUINTO — A administração da Sociedade e a sua representação, em Juízo e fora dele, activa e passivamente, pertencerão a todos os sócios, os quais ficam nomeados gerentes — com ou sem remuneração, e com as atribuições que lhes forem fixadas em Assembleia Geral. PARÁGRAFO PRIMEIRO — Para responsabilizar a Sociedade é necessário a intervenção e a assinatura em seu nome de dois gerentes, pelo menos. — Todavia, para os casos de mero expediente, bastará a intervenção e assinatura apenas de um gerente. PARÁGRAFO SEGUNDO — Ficam expressamente proibidos a intervenção, outorga ou assinatura em nome da Sociedade em documentos estranhos aos negócios sociais, e nomeadamente a assinatura de letras de favor, fianças e abonações.

SEXTO — Os sócios não poderão obrigar voluntàriamente as suas quotas, sem consentimento expresso da Assembleia Geral.

SÉTIMO — Os balanços serão anuais e encerrados com referência a trinta e um de Dezembro de cada ano; e os lucros líquidos apurados, depois de deduzida a percentagem de cinco por cento para o fundo de reserva legal — enquanto este não estiver realizado ou sempre que seja preciso reintegrá-lo — e quaisquer percentagens mais para outros fundos que venham a ser estabelecidos, bem como as perdas, se as houver, serão repartidos pelos sócios, na proporção das suas quotas.

OITAVO — As Assembleias Gerais ordinárias, para a aprovação dos balanços e contas dos anos sociais, realizar-se-ão dentro do primeiro trimestre seguinte ao encerramento dos anos; — e as extraordinárias realizar-se-ão sempre que a gerência ou os sócios, nos termos legais, as convoquem; e, em todos os casos, as convocações serão feitas por meio de cartas registadas, com aviso de recepção e com oito dias de antecedência, salvo naqueles para que a Lei exija outros requisitos.

NONO — A Sociedade não se dissolverá pela morte ou interdição de qualquer sócio, continuando com os sobrevi-ventes e capazes, e os herdeiros ou representantes do falecido ou interdito, devendo, porém, uns ou outros ser representados só por um deles. PARÁGRAFO PRIMEIRO — Enquando os herdeiros ou representantes não escolherem o representante único, a Sociedade será regida sòmente pelos sobreviventes ou capazes. PARÁGRAFO SEGUNDO — Se os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdito não quiserem continuar na Sociedade, poderá esta, e, depois dela, qualquer dos sócios, adquirir-lhes a quota respectiva, que pelo valor resultante do balanço a que então se procederá.

DÉCIMO — Em tudo o mais aqui não previsto, regularão as disposições legais aplicáveis, e as deliberações tomadas em reunião dos sócios.

Ilhavo, e Cartório Notarial, vinte e quatro de Janeiro de mil novecentos e sessenta e um.

A Ajudante do Cartório,

Maria Eliza Calheiros da Silveira

Regimento de Cavalaria n.º 5

O Conselho Administrativo do Regimento de Cavalaria n.º 5 torna público que, no dia 16 do próximo mês de Fevereiro, pelas 10 horas, no Quartel desta Unidade, se procederá à venda, em hasta pública, de diversos livros militares e outros, julgados incapazes.

Quartel em Aveiro, 26 de Janeiro de 1961

O Chefe da Contabilidade,

Jorge Feurly de Magalhães Caldas

Capitão do S. A. M.

REVISTA MUNDIAL 1960

Prosseguimos na publicação da REVISTA MUNDIAL 1960, da autoria de Ramiro da Fonseca e incluída na programação que a ORSEC transmitiu, em 31 de Dezembro do ano findo, através dos Emissores do Norte Reunidos, do Porto. Hoje, apresentamos aos leitores diversas efemérides relativas a factos ocorridos em Março de 1960

MARÇO

Dia 4 Iniciaram-se, em todo o território nacional do Continente, Ilhas e Ultramar, as Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique. O Chefe do Estado presidiu, na Assembleia Nacional, à sessão solene de abertura, durante a qual discursaram vários oradores, entre eles o Embaixador Paulo Carneiro, enviado especial do Presidente Kubitschek de Oliveira. No termo da soleníssima sessão, o sr. Almirante Américo Tomás enalteceu o espírito da Comunidade Luso-Brasileira, afirmando a presença de Portugal no Mundo, nesta expressiva passagem:

Portugueses de todas essas províncias, próximas ou longínquas, onde se nasce, vive e morre sob a nossa Bandeira, ao evocarmos as fontes puras do heroísmo dos nossos maiores — que o Infante de Sagres simboliza porque foi ele o nome tutelar da expansão do Mundo Português — evocamos todos aqueles, vivos ou mortos, que nas nossas terras construiram e ergueram Portugal.

Ao solenizarmos jubilosamente, no início das Comemorações Henriquinas, a passagem da data do seu nascimento, tomemos esse genial Príncipe como exemplo maior e curvemo-nos respeitosamente ante a sua imperecível memória.

Dia 10 Passou por Lisboa o Presidente da República do Perú, Dr. Manuel Prado, que foi solenemente recebido pelo Chefe de Estado Português.

Dia 11 Êxito espacial americano! Os Estados Unidos lançaram um planeta artificial munido do mais poderoso emissor utilizado até agora no espaço, já que permite comunicações com a Terra até à distância de 80 milhões de quilómetros!

★ Terminaram, com êxito, em Londres, as conversações anglo-portuguesas em que participou o Ministro dos Negócios Estrangeiros, sr. Dr. Marcelo Matias.

Dia 12 Foi colocado em órbita solar o «Pioneiro V», que atingirá dentro de cinco meses o ponto mais próximo do Sol, situado a cerca de 119 milhões de quilómetros.

Dia 14 Principiou, em Genebra, a conferência entre o Leste e Ocidente acerca do desarmamento.

Como pontos fundamentais a tratar, avultaram: 1.º — proibição de armas nucleares; 2.º — limitação dos efectivos militares.

Dia 19 A Rússia aceitou, em Genebra, a proposta norte-americana para a realização dum programa conjunto de pesquisas e experiências nucleares a efectuar pela União Soviética, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha.

Dia 22 O Marechal Chiã Kai Xeque, de 73 anos, foi eleito, pela terceira vez, Presidente da República da China Nacionalista, por 1481 votos contra 28, para um novo mandato de 6 anos.

Dia 25 O Chefe de Estado recebeu, no Palácio Nacional de Belém, as cartas credenciais do primeiro embaixador da República Arabe Unida acreditado em Lisboa, Dr. Hassad Homad.

Dia 26 Debaixo de uma chuva torrencial em plena Primavera, Lisboa «enlouqueceu» com a visita da vedeta cinematográfica Brigitte Bardot, a menina do século.

Excessivamente pintada e excessivamente sofisticada, Brigitte foi, no entanto, a grande sensação dos meios lisboetas. Assinou autógrafos, distribuiu sorrisos publicitários, fez acenos de mãozinha e... naturalmente, fez algumas cenas extra-cinema... Mas era necessário que assim acontecesse, ou, então, a BB perderia a popularidade, que nem sempre é feita de favos de mel... Brigitte concedeu entrevistas e falou para a Rádio...

Dia 27 Morreu, em Madrid, com 73 anos, o cientista espanhol Gregório Marañon.

Glória da Medicina espanhola, o Prof. Marañon foi, além de notável endocrinologista, escritor emérito e insigne historiador. Em 1946, a Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, num acto de inteira justiça e consagração, entregara ao Prof. Gregório Marañon as insígnias de Doutor «honoris causa».

CARTA DE LISBOA

Continuação da primeira página

Na segunda-feira, faz hoje uma semana, quando ao fim da tarde nos encontrámos na Brasileira, eu apenas sorri apontando a chuva miudinha que confirmava a previsão meteorológica que lhe havia parecido tão despropositada numa manhã tão clara e transparente.

— Mas por que é que V. acertou? — perguntou-me. E lá lhe expliquei que isto era privilégio dos homens do litoral, habituados desde menino a entenderem o que o mar diz, o que as nuvens trazem, o que o vento promete e o que o Sol muitas vezes disfarça.

— Realmente — diz ele — já várias vezes reparei que V. sabe sempre de que lado está o vento, coisas com que eu nunca me preocupei.

De facto, o homem da cidade, da grande cidade, a maior parte das vezes habituou-se a olhar apenas o céu que lhe fica por cima da rua, a sentir o vento canalizado pelos becos e a chuva é, para ele, apenas um motivo que o obriga a trocar o sobretudo pelo impermeável. Que lhe importa o resto? As nuvens são sempre nuvens, não as interpreta; não sea percebe dum subtil rondar do vento e, também o subir ou baixar do termómetro é apenas factor de maior ou menor agasalho, que outro significado não pode ter para ele.

— Contràriamente, em nós, homens da beira-mar — expliquei-lhe — há a curiosidade nata pelo estado do tempo, falamos todos a mesma linguagem, se é que não dialogamos mesmo com os elementos. E' apenas uma questão de convivência. Nós lá, meu amigo, basta às vezes olhar para a vela dum «moliceiro» que ela diz-nos tudo...

A Exposição Canina Internacional atrai-me sempre. E atrai-me simplesmente pelo meu amor ao cão. Eu enfileiro no número daqueles que gostam de todos os cães e talvez também no número daqueles de quem todos os cães gostam.

São, pois, dois dias em que me deleito e em que aprendo sempre mais qualquer coisa a respeito desses meus amigos de quatro pés.

Mas este ano vim de lá maçado com um pequeno incidente, quase despercebido, mas que a mim me incomodou.

A' hora a que começaram a chegar os concorrentes, um cão pleonàsticamente escanzelado, postou-se, como muitas pessoas curiosas, a assistir à entrada das suas «vamps». Aquilo para ele devia ser uma espécie de première *em que via deslizar todas as elegâncias da sua raça, lustrosas, bem cheirosas e bem penteadas. E porque o seu nariz e a sua curiosidade o levaram a aproximar-se mais, lá estava para o enxotar o polícia que está sempre nestes acontecimentos mundanos para não deixar o anónimo misturar-se com as celebridades. E o cão maltrapilho, sem perceber, afastou-se receoso e tristonho. Todo o seu andar era um ondular de ossos.*

Daí a pouco, porém, o instinto de novo o trouxe ao mesmo sítio, só para ver, só para cheirar.

Iam chegando os «220», os «DS», os «Lancias», os «Rolls», e todos despejavam beldades do mundo canino: os «setters», os «dalmatas», os «cockers», os «boxers», etc.. E ele, humilde e meio pasmado, assistia àquilo sem incomodar alguém. Mas o polícia lá estava, insensível e cumpridor, zelando porque a pulga do cão vadio não saltasse para as pelagens bem tratadas.

E o pobre, coitado, de olhar amedrontado e de rabo entre as pernas, lá fugiu para a esquina.

Quando, ao fim da tarde, saí da Exposição, ele ainda ali estava, encharcado, não se sabe bem à espera de quê. Talvez duma côdea, talvez dum afago. Teve-o, e o seu rabito curto logo manifestou contentamento.

Dizem que é assim que os cães sorriem...

Lisboa, 25 de Janeiro de 1961

Gonçalo Nuno

Frei Francisco de Sousa Tavares

Continuação da primeira página

no século XV se estabeleceram em Aveiro: era um fidalgo. Sulcou as águas de dois oceanos, pelos rumos do Oriente, comandando um galeão: parece ter sido um marinheiro. Como capitão de Malabar e de Cananor, combateu heròicamente: foi um guerreiro. Depois de longas viagens e de renhidas pelejas, trocou a amplidão dos mares e dos campos de batalha pela estreiteza de um convento modestíssimo: foi um franciscano. No remanso da sua cela, pousados o governalho e a espada, tomou a pena para redigir uma obra mística: foi um escritor.

Envolve-o uma auréola de grandeza épica e de austeridade religiosa: são nele admiráveis a fortaleza do ânimo, a inteireza do carácter, a mobilidade do espírito e a limpidez da alma.

Pisou alcatifas de salões confortáveis, incomodidades de chãos agressivos e lagedos de claustros severos; vestiu ricos brocados, reluzentes arneses e grosseiras estamenhas; ergueu-se para navegar, agigantou-se para combater e prostrou-se para orar; foi enérgico e expedito, sereno e contemplativo...

Um famoso historiador nosso haveria de reconhecer que os homens desta têmpera, cheios de vigor e de plasticidade, explicam a epopeia portuguesa do século XVI.

★

Frei Francisco de Sousa Tavares escreveu o *Livro de Doutrina Espiritual* movido pelo desejo de dar «honra e glória» a «Christo nosso redentor» — querendo, deste modo, «corresponder ao talento que lhe o Senhor deu, por não ser notado como servo mau».

Ficaria logrado quem procurasse na obra primores de elocução ou galas de estilo. O autor exprime-se em formas descuidadas, usando os fastidiosos períodos que frequentemente empolavam a prosa quinhentista e seiscentista, e só raras vezes obsequiando os seus leitores com frases sóbrias e desarticuladas.

Transcrevem-se, a título de exemplo, algumas passagens, emprestando-lhes a pontuação necessária ao seu entendimento.

Glosando as palavras «Padre nosso que estás em os céus», Francisco de Sousa Tavares discorre assim:

«Se do pai humano dizemos ser imagem e semelhança, mais verdadeiramente somos imagem e semelhança de Deus, pela memória e entendimento e vontade que temos. E assim como somos obrigados a semelhar e imitar na bondade aos pais naturais, assim por estas palavras nos quere lembrar e trazer à memória a obrigação que temos de semelhar e imitar, em nossa qualidade e possibilidade, a Deus, pai nosso; e assim como os irmãos da lei natural se amam, nos amemos a todos, pois somos irmãos, filhos de Deus, come aqui nos declara Christo».

A propósito do ensino da oração — que «é petição para impetrar ou alçançar a alma de Deus o necessário para ela e para os próximos» — o autor diz o seguinte:

«Sucedia que havendo muitos que pregassem e ensinassem a oração, de força e de necessidade haviam de ser mui destros nela e, por conseguinte, mui santos, que a não podiam pregar nem ensinar sem a terem por experiência: que todas as outras coisas se podem adquirir por ciência, mas esta só pela experiência. Em todas as outras artes, primeiro se tem a ciência que a experiência; no alevantamento do espírito ou oração, primeiro se tem a experiência que a ciência, — porque é coisa secreta e interior e ninguém a conhece senão quem a recebe; e não a recebe senão quem a deseja; e não a deseja senão quem o fogo do Espírito Santo inflama as entranhas...».

Uma última transcrição, esta relativa ao «inimigo da alma» que é a carne:

«Quanto à carne, confesso que é o mais rijo atentador; mas conhecendo bem sua qualidade, é mui leve coisa resistir-lhe. Porque ela é feita de terra e na mesma terra e esterco há-de ser tornada — e tão fraca que uma febre a entraquece e muda a cor; tão fedorenta que de si mesma há nojo; tão torpe que cria bichos, que viva a comem; tão vil e baixa que nenhuma coisa nobre nem alta deseja; tão inconstante que nenhuma vontade lhe dura; tão doida que por um apetite se perde; tão soberba que por uma vontade se cega /.../ em cem anos de vida nunca tem uma só hora de verdadeiro contentamento — tão triste que nada a alegra, tão leve e risonha que tudo a alvoroça; nunca tem prazer sem sobressalto, nem prazer sem discórdia, nem amor sem suspeita, nem repouso sem desassocego; nunca jàmais vive contente: se é pobre, queria ter; se rica, queria valer; se abatida, subir; se esquecida, medrar; se afrontada, vingar; se viciosa, quere sempre folgar. O mais certo dela é ser incerta; nunca dá pé para subir que não dê mão para derribar. A virtude é em ela estrangeira e a maldade natural».

A exposição continua longamente, nesta melopeia, para fundamentar ou esclarecer a doutrina que o autor defende e o Apóstolo confirma: «O que semeia na carne, da carne colherá a corrupção; e o que semeia no espírito, do espírito colherá a vida eterna».

Creio que os leitores estarão suficientemente elucidados sobre o estilo de Frei Francisco de Sousa Tavares.

★

Aprendi algures que não são críticos os que em tudo descobrem excelências e maravilhas ou caltam erros e defeitos. Os verdadeiros críticos são objectivos: louvam ou condenam com imparcialidade. E mais aprendi que só são verdadeiros críticos os que a uma ampla e variada erudição reunem qualidades de bom senso e bom gosto, de independência e sinceridade, de elevação e equilíbrio de espírito.

Já se vê que, tendo bem decorados estes ensinamentos de um grande mestre, não ousaria pronunciar-me sobre os méritos do *Livro de Doutrina Espiritual.*

Só posso informar que a obra de Frei Francisco de Sousa Tavares, muito estimável como raridade bibliográfica, revela os notáveis conhecimentos do seu autor e as nobres preocupações de um espírito que ondou a iluminar os negrumes da terra com claridades do céu.

António Christo

Campeonato Nacional da II Divisão

COMENTÁRIO GERAL

Na jornada de domingo, só o guia não conseguiu vencer em sua casa, contrariando a quase totalidade das previsões! A Oliveirense, que também não perdeu, cedeu uma igualdade — que, registe-se, tem a particularidade de ser a primeira da turma de Azeméis. O autor da proeza foi o Feirense, que assim se guindou a plano destacado. De facto, os feirenses foram os grandes responsáveis pelo atraso de um ponto sofrido pelo leader, que se situa actualmente a três pontos do Castelo Branco e do Beira--Mar, os seus mais próximos competidores.

Relativamente às previsões que nestas colunas vieram a público na semana finda, o desfecho de Azeméis foi o único em que não acertámos. Em todos os outros desafios, e como aqui se vaticinou, os grupos visitados triunfaram.

No Porto, os flavienses, colocados em posição ingratíssima, venderam cara a derrota, diante do Boavista. Na capital da Beira Baixa, os albicastrenses, num alarde de força e valor, golearam os penichenses: resultado expressivo, num triunfo certo e esperado. Nas Caldas da Rainha, o Vianense não resistiu a um Caldas que, com três golos em trinta minutos, liquidou o match e ascendeu, isolado, ao quarto posto da tabela...

Em Torres Vedras, o Gil Vicente ficou, quase de início, sem uma unidade preciosa (Fernando Mendonça, que se lesionou); mas, assim mesmo, os gilistas resistiram bem ante os torrienses, que só no segundo período ganharam jus ao triunfo...

A partida de Coimbra (União-Marinhense) foi suspensa, devido ao mau tempo: havia 28 minutos e o score mantinha-se em 0-0, apesar dos marinhenses já terem sido beneficiados com um penalty, que, aliás, foi desperdiçado.

A concluir, breve referência ao derby regional que, em Aveiro, opôs a Sanjoanense ao Beira-Mar. Os amarelo-negros, alardeando notável élan e um apreciável crescendo de forma e de poder, venceram sem discussão os alvi-negros, que merecem um aceno de simpatia pela réplica esforçada que tentaram opor, no intuito de contrariar a evidente superioridade da equipa beiramarense.

Assim, albicastrenses e beiramarenses firmaram-se melhor nos postos que ocupam, revalidando as suas canditaduras aos lugares mais desejados.

Amanhã, por virtude da efectivação da primeira eliminatório da TAÇA DE PORTUGAL, a prova será suspensa, para prosseguir em 5 de Fevereiro.

no 16.º DIA

Oliveirense, 1 — Feirense, 1
Boavista, 2 — Chaves, 1
C. Branco, 4 — Peniche, 0
Caldas, 3 — Vianense, 0
União — Marinhense *
Beira-Mar, 3 — Sanjoanense, 1
Torriense, 3 — Gil Vicente, 1

* O encontro foi suspenso, devido ao mau tempo

Beira-Mar, 3 — Sanjoanense, 1

ANTECEDENDO o encontro em epígrafe, e sob uma tempestade autênticamente diluviana, defrontaram-se as selecções de juniores de Aveiro e Braga, como noutro ponto se noticia. O terreno ficou bastante revolvido, vendo-se por todo ele extensos lençois de água e lama, quando a partida entre beiramarenses e sanjoanenses se iniciou — ainda sob fortes bátegas de água, é certo, mas então com o temporal mais desfeito e quase a amainar por completo.

Previa-se, portanto, que o prélio — se chegasse a concluir-se... — se iria revestir de nível modesto, e seria disputado em jeito de lotaria, com o êxito a sorrir ao mais feliz.

Mas tal não sucedeu. O Beira-Mar — Sanjoanense foi uma partida de nível magnífico, com futebol de primeira água, como usa dizer-se e — no caso — com inteira propriedade. Os apreciadores de bons espectáculos de futebol que se tenham deslocado a Coimbra no dia 15, para assistir ao desafio Académica-Benfica, e que tenham presenciado o último jogo efectuado em Aveiro, não podem fazer duas escolhas quanto ao melhor desses dois encontros: ele foi, de longe, o que se realizou nesta cidade!

De facto, cremos que seria impossível jogar-se melhor em tão precárias condições de recinto e de tempo.

Os contendores, em ritmo digno de muita admiração, iniciaram o jogo velozmente, planificando e esquematizando lances de grande valor. Respiravam confiança e personalidade ambos os *teams*, mas desde cedo o Beira-Mar se evidenciou e cotou como mais acutilante e positivo, por ter ganho o domínio total da zona do centro do terreno, onde Marçal e Amândio — com relevo para este último — actuavam com muito acerto e inteligência.

Do aplicado e esgotante labor do binário médio beiramarense, a que os defensores (com Jurado em plano de evidência) deram perfeito apoio, através de exibição autoritária e pendular, resultou que os amarelo-negros exerceram pronunciada vantagem territorial e técnica, apesar das tentativas de reacção esboçadas pela Sanjoanense que, sem dúvida alguma, teve no *keeper* espanhol Ramiro o elemento mais destacado. Não fôra a sua notável actuação e os números finais acusariam maior desnível... O *score* de 2-0, ao intervalo, era, efectivamente, pouco fiel para espelhar a supremacia da turma de Aveiro, que, além de outras perdidas, se lamenta de uma bola que Paulino atirou de encontro à barra transversal (44 m.).

Um tanto por quebra física — que isto da resistência dos atletas também tem um limite... —, e um tanto porque a Sanjoanense foi sem-

Continua na página 8

Empataram por 1-1 AVEIRO e BRAGA em equipas juniores

A fim de serem observados pelo seleccionador nacional David Sequerra, defrontaram-se, nesta cidade, no pretérito domingo, as selecções de juniores de Aveiro e Braga, que amanhã voltam a enfrentar-se, agora no Estádio 28 de Maio, em Braga.

O mau tempo prejudicou grandemente o labor dos futebolistas, criando-lhes sérios problemas nesta sua já difícil prova de exame. Assim mesmo, a partida atingiu um nível bastante meritório, o que, por certo, serviu para que fossem atingidos — ainda que não totalmente, como óbvio — os objectivos dos seus promotores.

O desfecho final é sobremaneira lisonjeiro para os bracarenses, já que os aveirenses denotaram superioridade que, no entanto, não souberam traduzir em golos.

Sob arbitragem do sr. Carlos Paula, auxiliado pelos srs. Ângelo Costa (bancada) e Mário Silva (peão), as turmas utilizaram:

AVEIRO — Saraiva (Recreio); Gamelas (Beira-Mar), Pinho (Sanjoanense) e Rato (Recreio); Calhau (Sanjoanense) e Teixeira (Lusitânia); Bastos, Lima, Santos, Almeida e Moreira (todos da Sanjoanense).

Jogaram, ainda, Pinhal (Espinho) e Tavares (Sanjoanense).

BRAGA — Silva (Gil Vicente); Mário Jardim (Braga), Pitanga (Famalicão) e Leite (Fafe); Mário Costa (Vianense) e Pontes (Gil Vicente); Eusébio (Francisco da Holanda). Santos (Vianense), Serafim (Fafe), Raul (Fafe) e Martins (Vitória de Guimarães).

Jogaram, ainda, Melo (Braga), Soares (Vianense) e José Carlos (Gil Vicente).

Marcadores: BASTOS, por Aveiro, aos 40 m.; e SANTOS, por Braga, aos 51 m..

DES POR TOS

SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO

BASQUETEBOL

Campeonato Distrital da II Divisão

Repetindo, em Avanca, o êxito que alcançara, oito dias antes, no prélio disputado em Estarreja, o grupo do AMONÍACO conseguiu o título regional da II Divisão, pelo que lhe pertence o direito de ascender, na próxima época, ao escalão dos maiores do Distrito.

Desta vez, o AMONÍACO venceu o AVANCA por 26-17, com 10-4 ao intervalo, confirmando, assim, os números (28-14) do primeiro embate entre ambos.

JUNIORES & INFANTIS

★ Na prova de juniores, registaram-se êxitos do Galitos, sobre o Illiabum, e do Sangalhos, este por falta de comparência da Sanjoanense, que, em tempo, comunicou a impossibilidade de se deslocar, em virtude de haver castigado alguns dos seus atletas.

No encontro efectuado, apurou-se deste desfecho:

Galitos, 29 — Illiabum, 12

(1.º tempo: 16-3)

TABELA CLASSIFICATIVA

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Galitos	3	3	—	—	76-47	9
Sangalhos	3	2	—	1	56 35	7
Illiabum	3	1	—	2	47-72	5
Sanjoanense*	3	—	—	3	22-49	2

* Tem uma falta de comparência

★ Na ronda inaugural da prova de infantis, apenas se realizou um dos dois encontros designados para a jornada. Na realidade, o Galitos venceu o Cucujães, por falta de comparência dos cucujanenses, enquanto que, em Sangalhos, no único jogo-jogado, se defrontaram o Sangalhos e o Beira-Mar.

Desfecho do dia:

Sangalhos, 15 — Beira-Mar, 14

(1.º tempo: 4-2)

TABELA DE CLASSIFICAÇÃO

Zona Norte

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Galitos	1	1	—	—	00-00	3
Esgueira	0	0	0	0	00 00	0
Cucujães*	1	—	—	1	00-00	0

* Tem uma falta de comparência

Zona Sul

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sangalhos	1	1	—	—	15-14	3
Beira-Mar	1	—	—	1	14-15	1
Águias	0	0	0	0	00-00	0

Jogos para amanhã

Sanjoanense — Illiabum (8 24) e Sangalhos — Galitos (21 22), em juniores.

Esgueira — Galitos e Águias — Beira--Mar, em infantis.

XADREZ DE NOTÍCIAS

Amanhã, de tarde, o Clube dos Galitos promove, no Rinque do Parque, um festival de hóquei em patins e basquetebol, em que participam os hoquistas do Illiabum e os basquetebolistas do Sporting Clube de Portugal, que, neste momento, ostentam o título de campeões nacionais.

O festival inicia-se às 15 horas.

Derrotando o Feirense por 6-1, no encontro da segunda mão da final do Campeonato de Reservas, a Oliveirense, que cedera por 2-0 na Vila da Feira, conquistou o título.

Por iniciativa do semanário «O Beira-Mar» agora dada a conhecer por aquele jornal, vai ser directa e integralmente transmitido, através dos Emissores do Norte Reunidos, o desafio de futebol Marinhense — Beira-Mar, a disputar em 5 de Fevereiro na Marinha Grande. A transmissão conta com o patrocínio de algumas importantes empresas aveirenses.

Foi-nos enviado o primeiro número de 1961 do «Boletim da Associação Portuguesa da Classe Internacional Moth», publicação mensal dirigida pelo desportista José Sucena Pinto.

A Secção de Pesca do Sport Clube Beira-Mar promove amanhã, com início às 8 horas, no Molhe Sul e na Praia da Barra, o seu último Concurso Inter-Sócios referente à temporada finda.

O antigo internacional Frederico Barrigana, que este ano orientou o Lusitânia de Lourosa, assumiu agora as funções de treinador do Desportivo de Chaves, em substituição do argentino Garófalo. Na Ovarense, o Dr. Daniel Oliveira (Malícia), conhecido jogador da Académica, substituiu o argentino Omar Auleta na orientação dos futebolistas vareiros. E, finalmente (por agora...), o Vianense rescindiu o contrato com o uruguaio Humberto Buchelli, passando para treinador dos seus teams de futebol o Dr. Sousa

Continua na página 8